

“OS CIGANOS” / Um desafio saltibanco saído do baú de Sophia

Em 2009, a família descobriu um dos manuscritos inacabados de Sophia de Mello Breyner. Uma história para crianças e para adultos com coração de petiz que Pedro Sousa Tavares aceitou terminar. **Maria Ramos Silva** conversou com o neto de uma avó muito especial, a propósito desta edição tão especial quanto ela

É relativamente fácil terminar uma tarefa deixada incompleta por uma avó. Quando essa avó não se chama Sophia. E quando essa tarefa não é um livro, um daqueles que nos poderíamos ter lidos aos seis anos. Ou que o ouvinte poderia ter visto a ser escrito durante as férias de Verão no Algarve, quando se sentava à mesa depois do almoço com o espírito monástico que forma o ritual de um escritor. “A escrita dela era um momento religioso. Não íamos atrapalhá-la. Toda a gente sabia que não convinha ir para lá fazer barulho, mas ela não se incomodava muito com a nossa presença”, lembra Pedro Sousa Tavares a propósito da aventura agora conhecida de Ruy e Gela. A história encetada nos anos 60 dava sinal de vida em 2009, cinco anos depois da morte da autora, quando a tia Maria, à frente da gestão do espólio de Sophia, em grande parte cedido à Biblioteca Nacional, se dedicava à reunião de manuscritos. Um deles, este, pedia para se escapu-

lir da gaveta e caminhar no arame dos inéditos rumo às estantes das livrarias. Este é apenas um dos trabalhos da autora de “A Pada Oriana” ou “O Rapaz de Bronze” que ficaram por publicar, sem fim anunciado. Mas, que fique claro, “não estamos a pensar criar um franchise de conclusões de livros da minha avó”.

Até Fevereiro deste ano, o neto da poetisa, Pedro Sousa Tavares, desconhecia a existência deste ponto de partida de “Os Ciganos”. Tudo mudou quando a Porto Editora, responsável pela edição da obra de Sophia de Mello Breyner Andersen, sugeriu que se seguisse o fio à meada daquele conto. Estava instalado o debate familiar. “A minha tia falou com o meu pai, os irmãos, passou para os netos, e perguntou o que achavam da ideia.”

O jornalista pediu para ler as páginas disponíveis. Gostou do que viu e atreveu-se a fazer sugestões sobre o enredo. “Pensava que provavelmente seria o meu pai [Miguel Sousa Tavares], ou a minha tia Maria, que é professora de Literatura, a continuar. Passado um dia ou dois, telefonou-me a minha tia a dizer que tinham



gostado da minha ideia e a pedir-me que acabasse o livro da avó. Não tive muito tempo para pensar nisso, também não hesitei muito.”

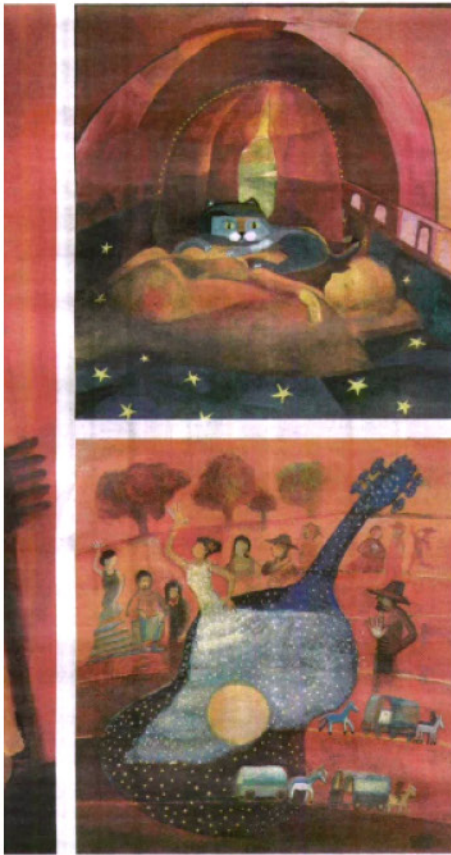
A comparação é descrita por Pedro em jeito de prefácio. Um mecânico da NASA duvidaria sempre das suas competências para se fazer ao espaço, mas não pensaria duas vezes perante a hipótese de acompanhar Neil Armstrong nessa viagem. Além do mais, só o arrependimento pelo que não se fez é capaz de fazer uma daquelas feridas que não ficam bem num livro para menores de 12 anos. “Não queria passar o resto da vida, depois de ser feito aquele convite, a pensar como seria se o tivesse aceite. Na pior das hipóteses, iam ler o que escrevi e se achassem que não valia a pena dir-me-iam.”

As circunstâncias ajudaram. O seu segundo filho acabaria de nascer e a licença de paternidade permitia escapar à “tarimba do dia-a-dia da redacção”. Foi escrevendo e partilhando a evolução do manuscrito com o resto da família e com a editora. Quando deu por si estava a publicar esta primeira edição, limitada a 3 mil

exemplares, cada qual com 64 páginas que dispensam bússolas para curiosos. O texto de cada um dos autores surge identificado com cores diferentes, mas prevenimos que não será confrontado com nenhum fosso abismal entre os registos. Não foi preciso, nem era essa a intenção, replicar o registo de Sophia de Mello Breyner. As duas vozes acabaram por conviver pacificamente, como os protagonistas desta história para crianças e adolescentes com o valor da família a falar mais alto entre caions e gadjós.

“Não fazia sentido estar a tentar parecer-me com ela. Era uma pessoa única a escrever, como poetisa mas também como autora de livros infantis. Os livros dela não são propriamente os do coelhinho que vai procurar o ovo da Páscoa. Têm alguma profundidade, apesar de serem compreensíveis pelas crianças. Tentei respeitar esse lado. Não quis simplificar demasiado a história, render-me demasiado, mas nunca me quis parecer com ela.”

O objectivo essencial era concretizar o texto, e esse foi superado, pelo neto que recorda a avó brincalhona que o levava



de viagem a paragens como a Grécia ou Veneza, sempre estimulando a imaginação dos descendentes, apesar da profundidade e da complexidade que Pedro lhe reconhece. Uma avó que era só dele, mas em boa medida de todas as outras crianças que com ela cresceram. "Não tinha um temor reverencial perante ela. Ao mesmo tempo, a forma de estar no mundo da Sophia escritora transparecia nos livros mas também nas relações com a família. De alguma forma sempre me pareceu um todo. Fui admirador da escrita de Sophia de Mello Breyner sem algum tipo de receio de estar presente algo de transcendente."

A transcendência fica-se pela mensagem do conto. Num dia de Primavera, Ruy é surpreendido pelo rataplã de um tambor que o desafia a saltar o muro do jardim e a percorrer os campos até se aproximar de um acampamento de ciganos, afastando-se de uma casa que não lhe parece ser sua. A busca da liberdade condensa algumas referências familiares, num "cozinhado de características". A supersticiosa avó de Ruy não é a sua,



Sophia de Mello Breyner



Pedro Sousa Tavares

mas não deixa de ser fiel a alguns traços de Sophia. O mesmo se aplica a outras personagens, que reflectem um cruzamento de certas feições. "Não há ninguém retratado a cem por cento. A minha avó tinha um cocker spaniel como o cão do Ruy, mas aqui tem o nome do cão de uma tia minha."

"A Menina do Mar" é o livro mais presente na memória dos seus primeiros anos. Os filhos, apesar de ainda não terem idade para navegar pelos enredos infantis criados pela bisavó, não ficaram alheios ao primeiro contacto com esta edição. "O mais velho tem quatro anos. Já estive a folhear o livro com ele e diz que quer um gato igual ao que a Danuka desenhou."

É ela a terceira autora deste novelo sobre uma fuga de casa que termina à altura dos ideais mais nobres, ilustrando-o que as linhas guardam e o que se esconde e revela por debaixo desta cama de palavras. "A mensagem do livro poderia ser importante para transmitir às crianças de hoje, de que o futuro de facto ainda lhes pertence, que não devem desistir dos sonhos."

A terceira autora

A ilustração do inédito ficou a cargo da suíça e residente em Portugal Danuta Wojciechowska. "Acho que ela é a terceira autora do livro. Acabou por criar uma harmonia entre o que foi escrito pela minha avó e por mim. Conta a história que não está escrita nas palavras", diz Pedro



OS CIGANOS

Sophia de Mello Breyner Andresen e Pedro Sousa Tavares
Porto Editora
18,80€